

Voices of women from the jungle: Anti-colonial ecologies and insurgent connections from the Coordination of Indigenous Organizations of the Amazon Basin (COICA)

Voices of women from the jungle: Anti-colonial ecologies and insurgent connections from the Coordination of Indigenous Organizations of the Amazon Basin (COICA)

Voces de las mujeres de la selva: Ecologías anticoloniales y conexiones insurgentes desde la Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA)

Joselaine Raquel da Silva Pereira¹

Resumo: As mudanças climáticas têm causado impactos cada vez maiores à natureza – incluindo os seres humanos –, na mesma medida em que ocorre o avanço do capitalismo globalizado e de alguns de seus braços, como o agronegócio e a mineração. As ecologias dos povos indígenas agem como fontes de cuidado e regeneração da Pachamama – a mãe Terra –, sendo a cosmologia do Bem Viver um exemplo vivo dessa atuação. Este artigo possui o objetivo de demonstrar como as vozes das mulheres da selva são referências em temáticas relacionadas às ecologias e às lutas anticoloniais, referindo-se especialmente às mulheres indígenas pertencentes à Coordenação das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA), que reúne membros de todos os países confluentes do bioma amazônico. Desse modo, as ecologias anticoloniais são reforçadas e fortalecidas a partir dessas conexões entre mulheres de diversos territórios, nutrindo uma multiterritorialidade que considera a Amazônia como uma grande maloca, que deve ser cuidada e protegida.

Palavras-chave: Mulheres indígenas; Ecologias anticoloniais; Amazônia; Bem viver.

Abstract: Climate change has caused increasing impacts on nature – including human beings –, in the same time way that happens the advance of globalized capitalism and some of its extensions, such as agribusiness and mining. The ecologies of indigenous peoples act as sources of care and regeneration for Pachamama – mother Earth –, with the cosmology of Good Living (Buen Vivir) as a living example of this practice. This article aims to demonstrate how the voices of jungle women are references in themes related to ecologies and anti-colonial struggles, referring especially to indigenous women belonging to the Coordination of Indigenous Organizations of the Amazon Basin (COICA), which brings together members of all confluent countries of the Amazon biome. In this way, anti-colonial ecologies are reinforced and strengthened through these connections between women from different territories, nurturing a multi-territoriality that considers the Amazon as a large maloca, which must be cared for and protected.

Keywords: Indigenous women; Anti-colonial ecologies; Amazon; Well live.

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina (PPGICAL) da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), Mestra pelo Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Estudos Latino-americanos (PPGIELA) e Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-americana, ambos pela mesma universidade. E-mail: joselaineperreira.sm@gmail.com

Resumen: El cambio climático ha provocado impactos crecientes sobre la naturaleza – incluidos los seres humanos –, al mismo tiempo que avanza el capitalismo globalizado y algunas de sus ramas, como la agroindustria y la minería. Las ecologías de los pueblos indígenas actúan como fuentes de cuidado y regeneración de la Pachamama – madre Tierra –, siendo la cosmología del Buen Vivir un ejemplo vivo de esta actuación. Este artículo tiene como objetivo demostrar cómo las voces de las mujeres de la selva son referencias en temas relacionados con las ecologías y las luchas anticoloniales, refiriéndose especialmente a las mujeres indígenas pertenecientes a la Coordinadora de Organizaciones Indígenas de la Cuenca Amazónica (COICA), que reúne a miembros de todos los países confluentes del bioma amazónico. De esta manera, las ecologías anticoloniales se refuerzan y fortalecen a través de estas conexiones entre mujeres de diferentes territorios, nutriendo una multiterritorialidad que considera la Amazonía como una gran maloca, que debe ser cuidada y protegida.

Palabras clave: Mujeres indígenas; Ecologías anticoloniales; Amazonía; Buen vivir.

Introdução

A colonização do continente americano – chamado ancestralmente de Abya Yala² pelo povo originário Kuna, nomenclatura utilizada atualmente como proposta de descolonização epistêmica – deixou rastros na construção do pensamento e da cosmovisão de nossos povos até os dias de hoje. A dimensão simbólica da violência que cometeu esse genocídio e epistemicídio é chamada de colonialidade por autores do grupo modernidade/colonialidade/decolonialidade, como Aníbal Quijano, Walter Dignolo, Enrique Dussel, entre outros.

O antropólogo colombiano Arturo Escobar (2011), provoca reflexões sobre o lugar da natureza dentro do mundo colonizado e globalizado, afirmando que o progresso e o desenvolvimento utilizam a natureza apenas como fonte de recursos naturais, e que é necessária uma desconstrução desse discurso reducionista e economicista. Ailton Krenak (2021) segue essa mesma linha de pensamento, partindo desde a cosmovisão originária do povo Krenak, e destacando a etimologia da palavra desenvolvimento, que para ele significa um des-envolvimento, ou seja, um não envolvimento com a natureza e com os outros seres vivos e não vivos, em prol do lucro capitalista e do individualismo.

² Significa na língua originária Kuna: terra madura ou terra de sangue.

Nego Bispo (Santos, 2015), intelectual quilombola brasileiro, também traz em suas falas a importância da confluência (assim como fazem os rios), em lugar da competição, e também destaca um aspecto fundamental da cosmovisão de seu povo, a circularidade, que se diferencia da visão de mundo linear do ocidente. Nesse sentido, autoras como Yayo Herrero (2016) e Claudia Korol (2016) sublinham a posição da mulher dentro dessa economia ecológica como uma guardiã da vida em suas infinitas formas, destacando o papel das mulheres camponesas e indígenas como guardiãs das sementes crioulas. Elas dialogam com as ideias de Ailton Krenak e Nego Bispo ao assinalar a ecodependência que ocorre nas relações entre seres humanos e não humanos, através da biointeração.

A partir do reconhecimento da interdependência entre os seres, constrói-se uma epistemologia biocêntrica, ou seja, que coloca a vida no centro de todas as relações, se constituindo enquanto episteme coletiva e negando o individualismo e os sistemas relacionados a ele, como o capitalismo, o racismo e o patriarcado. Orlando Fals Borda, Luis Eduardo Mora-Osejo (2004) e Patricia Bottero Gomez (2019) reiteram a necessidade do fator da subjetividade para a superação do eurocentrismo e da colonialidade, trazendo o conceito de “sentipensar”, utilizado pelos povos ribeirinhos da Colômbia, como significante para demonstrar a conexão entre sentimentos e pensamentos, que para eles é intrínseca e inseparável.

O que é a COICA?

A Coordenadoria das Organizações Indígenas da Bacia Amazônica (COICA) foi fundada em 1984, em Lima, no Peru, e inclui organizações de povos indígenas dos seguintes países: Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela. A COICA representa cerca de 511 povos amazônicos, pertencentes a territórios dispersos por cerca de 240 milhões de hectares.

Entre os objetivos da organização está o diálogo com os governos estatais, na missão de proteger a floresta amazônica e reivindicar a devolução e demarcação dos territórios indígenas que estão perdendo suas terras para o desmatamento e a contaminação provenientes do agronegócio e da mineração. Nesse sentido, a COICA possui ideais anticoloniais e anticapitalistas, pois coloca os interesses da comunidade e da natureza acima do individualismo.

Epistemologias e Ecologias Anticoloniais

As cosmovisões e epistemologias dos povos originários em si respeitam a conexão e a interdependência entre os seres humanos e os outros seres e elementos da natureza, de modo que essas ecologias ancestrais e anticoloniais acabam servindo como fundamento para a construção de pedagogias biocêntricas.

Ailton Krenak, em seu livro “Caminhos para a cultura do Bem Viver” (2021), explica que o bem viver é uma forma de viver e se conectar com o mundo, baseada na convivência comunitária e solidariedade, posicionando-se contrariamente ao individualismo e ao bem-estar prometido pelo capitalismo.

O bem viver refere-se então à busca por uma biointeração equilibrada entre humanos e não humanos, de maneira a respeitar os ciclos naturais e a sustentabilidade da vida em toda sua biodiversidade. Essa é uma proposta biocêntrica, ou seja, que se baseia na centralidade da vida humana e não humana e de sua continuidade de maneira equilibrada ao longo do tempo, opondo-se radicalmente à ideologia capitalista e à centralidade do dinheiro. (Pereira, 2023, p. 46).

Ailton Krenak destaca ainda a relação de conexão entre os seres humanos e o organismo do planeta Terra, conectando-se também com o conceito de corpo-território, criado pelas feministas comunitárias indígenas da Guatemala, para referir-se à conexão e aos afetos causados pelo território ao corpo e vice-versa.

É maravilhoso, porque, ao mesmo tempo em que somos dentro desse organismo, nós podemos pensar junto com ele, ouvir dele, aprender com ele. Então é uma troca mesmo, de verdade. Não é você incidir sobre o corpo da Terra, mas é você estar equalizado com o corpo da Terra, viver, com inteligência, nesse organismo que também é inteligente, fazen-

do essa dança, que já me referi a ela como uma dança cósmica. (Krenak, 2021, p. 13-14).

A série colombiana intitulada “El buen vivir” (2021), traz falas de sujeitos de diversos povos originários do território colombiano e os significados do bem viver para suas cosmovisões.

Para o povo wayuu, o bem viver é o seguinte:

El buen vivir en nuestro territorio, el bienestar para nosotros, los wayuu, es vivir en paz, es convivir con nuestros hermanos, es reconocer nuestra cultura como una construcción social que heredamos de nuestros abuelos, que no es solamente nuestra. El buen vivir se basa en la colectividad, no en el individualismo (Homem wayuu. El buen vivir. Cap. 3: Pensar y actuar bien).

O historiador Gerson Ledezma (2020) afirma que os povos originários de Abya Yala e de África possuem ancestralmente uma conexão com a natureza e com os outros seres, de modo que as ações decoloniais – ou anticoloniais – devem ocorrer no âmbito da colonialidade do ser, que inclui a colonialidade da natureza, pois esta não está separada da constituição do ser.

Também é possível traçar ligações entre esse pensamento e os de Paulo Freire (1996), pois ao afirmar a importância dos espaços informais de educação, abrem-se inúmeras possibilidades de ambientes formativos, incluindo espaços da natureza como as roças, os rios, as florestas, etc.

Alguns movimentos sociais como o Movimento dos(as) trabalhadores(as) rurais sem terra (MST) utilizam pedagogias adaptadas para as necessidades da comunidade, como sugerido também por Orlando Fals Borda (2004) a partir da práxis territorial. O MST é um exemplo de movimento que trabalha a pedagogia em cada uma de suas ações, inclusive nas plantações, colheitas e no cuidado da terra em geral.

Maria Rita Avanzi (2004), trabalha com a ecopedagogia, também chamada pedagogia da Terra, que assim como Paulo Freire valoriza os espaços informais de educação e formação, e também dá um lugar especial para os sentimentos, afetos e subjetividades, reconhecendo o processo da aprendizagem como cotidiano.

Em meu livro “Pedagogia da floresta: Agrossabedorias como propostas de insurgência de

mulheres em Abya Yala” (2023), também procuro demonstrar as possibilidades e alternativas ecológicas encontradas na diversidade epistemológica existente em Abya Yala:

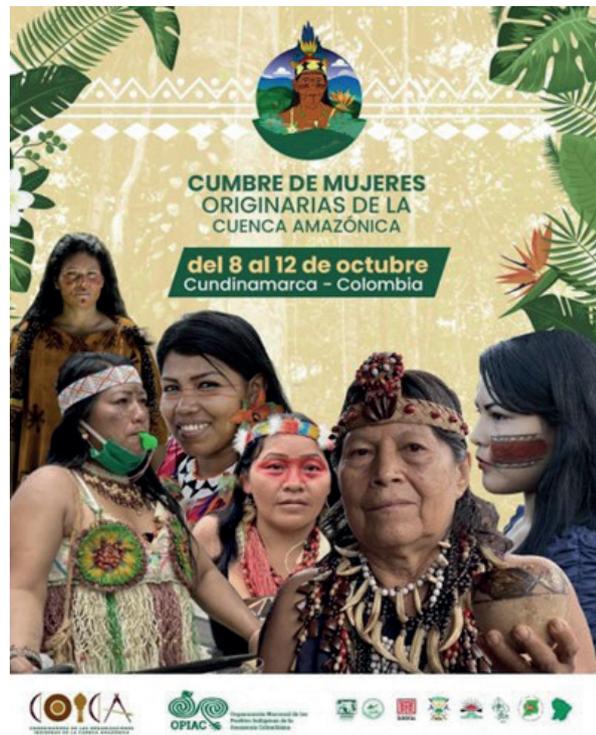
Minha intenção é demonstrar as inúmeras possibilidades de se aprender e ensinar relacionadas com a memória biocultural de cada povo e território, envolvendo a natureza nesses processos, e tendo-a como professora. Essa forma de pedagogia baseada na interação com a floresta pode se dar em ambientes não escolares ou não institucionais, ou seja, pode ocorrer em qualquer espaço onde exista essa observação e interação com os processos naturais, vendo os seres não humanos também como sujeitos e companheiros no processo de aprendizagem. A partir disso, transforma-se o modo como normalmente vemos o mundo – desde hierarquias estabelecidas socialmente –, tornando mais evidente nosso pertencimento ao território e ao ecossistema, assim como nossa ecodependência, e também a necessidade de mudanças nos aspectos sociais, políticos, afetivos, subjetivos, etc. (Pereira, 2023, p. 74).

As ecologias anticoloniais, portanto, exigem uma reconexão entre os corpos-territórios, conexão que foi rompida pela modernidade através da separação entre corpo e mente, entre razão e emoção, e entre objetividade e subjetividade. Por ser anticolonial, a ecologia dos povos originários se inscreve na luta anticapitalista, e busca a emancipação e a autonomia de cada povo.

Vozes das mulheres da selva

A COICA insere-se dentro da gama de organizações que estão lutando por uma ecologia anticolonial, no sentido de que procuram proteger o território da bacia amazônica e que estão utilizando diversas metodologias e ferramentas anticoloniais no cumprimento dessa missão. A organização realizou entre os dias 8 e 12 de outubro de 2021 a 1ª Cumbre de mujeres originarias de la cuenca amazónica, evento que ocorreu presencialmente em Tena, departamento de Cundinamarca, Colômbia, mas que teve transmissão online nas redes sociais da COICA.

Imagem 1: Cumbre de mujeres originarias de la cuenca amazónica



Fonte: Mujeres COICA Amazonia, 2021.

Participaram do evento presencialmente mais de 170 mulheres, representantes dos 511 povos originários da cuenca/bacia amazônica, das seguintes organizações: Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (AIDSESP) – Peru, Amerindian Peoples Association (APA) – Guiana, Confederación de Nacionalidades Indígenas de la Amazonía Ecuatoriana (CONFENIAE) – Ecuador, Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia (CIDOB) – Bolívia, Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) – Brasil, Organización Regional De Pueblos Indígenas De Amazonas (ORPIA) – Venezuela, Organización de los Pueblos Indígenas de Surinam (OIS) – Suriname e Organización Nacional de los Pueblos Indígenas de la Amazonia Colombiana (OPIAC) – Colômbia.

Entre as demandas das mulheres originárias estava a paridade nos movimentos, tanto dentro da organização da COIAB quanto a nível local, regional e nacional de seus respectivos territórios.

rios, como um dos encaminhamentos desse encontro surgiu a indicação de Fany Kuiru, de nome tradicional Jitoma Monayanho (Sol do Amanhecer), para concorrer à eleição para a liderança da organização.

Fany Kuiru ou Jitoma Monayanho (Sol do Amanhecer)

Imagem 2: Fany Kuiru



Fonte: Global Voices, 2023.

Fany Kuiru ou Jitoma Monayanho (Sol do Amanhecer), é indígena do povo Uitoto e representa a Organización Nacional de los Pueblos Indígenas de la Amazonia Colombiana (OPIAC). Ela começou a ocupar espaços de discussões coletivas em seu território (Resguardo Indígena Predio de Putumayo) desde os 14 anos de idade, hoje pertence ao Conselho de Mulheres da COICA e lidera a organização como um todo. Ela também é advogada e mestra em Estudos Políticos e Internacionais.

Ela foi a primeira mulher a ser eleita para a liderança da COICA, em janeiro de 2023, e enfrentou desafios desde o início. Em novembro de 2022, Tuntiak Katan, do povo Shuar do Equador,

se autodeclarou líder da COICA, em um evento que nem mesmo foi convocado pela organização, mas que contava com o apoio de ONG's de peso político. No entanto, após a ação judicial movida pela própria Fany Kuiru, essa nomeação foi anulada, ainda que alguns poucos participantes da COICA o apoiem atualmente.

Um dos principais eixos de luta de Fany é a questão das mudanças climáticas, que afetam toda a vida no planeta. Ela retoma a importância das mulheres para a conservação do ecossistema, das sementes nativas e da soberania alimentar.

Además, también, somos las que sufrimos con los efectos del cambio climático. ¿De qué manera? Se están disminuyendo las semillas nativas, se están secando los ríos, los lagos que proveían de alimento a las comunidades, pero las mujeres no dejan su trabajo, de seguir aportándole a la conservación de un ecosistema tan estratégico como es la Amazonía, para que se pueda seguir regulando el clima en el mundo, porque la Amazonía es un regulador del clima (Kuiru, 2021, s/p., transcrição nossa)³.

Outro ponto destacado por ela é a necessidade de empreendimentos econômicos capazes de suprir a demanda por autonomia econômica das mulheres indígenas e de suas comunidades. Ela aponta soluções como as caixas de economias solidárias: “[...] Y valernos también de nuestros recursos naturales para poder transformar, para poder mejorar esas economías de las mujeres en el territorio y avanzar. Tenemos unas iniciativas importantes como las cajas de ahorro solidario [...]” (Kuiru, 2021, s/p., transcrição nossa).

Além disso, Fany Kuiru também fala acerca da ausência e negligência do governo ao adentrar a Amazônia colombiana, sendo este um dos motivos pelo qual as comunidades precisam desenvolver autonomia em todos os aspectos da vida comunitária, especialmente em relação à educação:

En este marco de la Cumbre también, nosotras presentamos el Programa de formación de mujeres indígenas, cuyo nombre es Palabreando y viviendo los derechos en las vidas... En las comunidades del territorio amazónico. Es importante también tener en cuenta ese

³ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

programa de formación porque tiene un objetivo muy interesante, digo yo. [...] Por eso hoy es una exigencia de esas mujeres del movimiento indígena de la amazonía colombiana, una formación teórico-práctica en aulas vivas, cosa que sí les estamos enseñando, los derechos se pueden llevar a la práctica en el territorio para que transforme al contexto territorial de las comunidades, para que mejore la vida de las mujeres en aquellos lugares donde muchas veces no llega el Estado. Entonces, ¿que nos toca ahora a nosotros trabajar? Es la transformación del contexto para el buen vivir de las mujeres, ese es el propósito de este programa de formación. “No más derechos de papel”, dicen las mujeres. “No más derechos en discurso, queremos vivir los derechos”. Pero cómo sabemos que es tan difícil que el Estado llegue allá, pues, nos toca a nosotros, los pueblos indígenas, y en especial a las mujeres, retomar todas las acciones, transformar el entorno, para que nos permita gozar esos derechos que son reconocidos desde el Estado, pero que les ha sido imposible implementarlos en esos territorios. Nos toca a nosotras transformar, vivir en la práctica todos los derechos (Kuiru, 2021, s/p., transcrição nossa)⁴.

Fany Kuiru demonstra através de seu discurso e suas práticas atuais como líder da COIAB, que as mulheres indígenas são indispensáveis na luta contra as mudanças climáticas, pois ocupam um lugar importantíssimo, utilizando tecnologias ancestrais e ecologias anticoloniais milenárias.

Teresita Antazu

Imagem 3: Teresita Antazu



Fonte: Mujeres Coica Amazonia, 2022.

⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

Teresita Antazu, pertencente ao povo Yanesha e representante da Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana (AIDSEP), soma sua voz e seu discurso na proclamação da autonomia indígena e da soberania territorial, alimentar e em saúde. Sobre a pandemia de COVID-19, ela afirma que seu povo enfrentou suas consequências a partir do uso de ervas medicinais de seu próprio território:

Hemos aprendido a valorar nuestras plantas medicinales fuertemente, porque nosotros nos hemos aferrado a ellos. Hemos incluido, hemos hecho... Hemos compartido. Porque en algun momento, antes que pasara esa pandemia, mi organización ha tenido un proyectito pequeño que se llama Plantas Medicinales, Intercambio de Plantas Medicinales. Habíamos estado trabajando estos temas, ¿no? Entonces cuando llegó esa pandemia, fue algo que realmente nos sirvió muchísimo, porque en nuestros huertos, en nuestra huerta teníamos los piripiris, los *pinichi*, los amargos, para combatir muchas enfermedades. Entonces hemos promovido el intercambio de conocimientos, hemos intervenido... Hemos buscado hacer el intercambio de plantas medicinales entre comunidades. O sea, hemos ido a una comunidad y otra comunidad venía, hemos hecho muchos cambios así, para que podamos intercambiar fuertemente. Digamos, para nosotros nuestras sabias y nuestros sabios fueron muy importantes porque sacaron sus conocimientos, sacaron todos sus experiencias que tenían para enseñarnos, para aprovechar ese espacio de aprender, de aprendizaje, y fue muy saludable (Antazu, 2021, s/p., transcrição nossa)⁵.

Pode-se relacionar, dessa maneira, a promoção da saúde autônoma a uma ecologia anticolonial biodiversa, que propõe o uso de plantas medicinais para tratamentos de doenças novas e antigas, a partir da sabedoria ancestral e da memória biocultural de cada povo.

Tenemos que seguir promoviendo las huertas medicinales y las chacras integrales. Es algo que nosotros también hemos... Hemos recuperado. Porque últimamente, en los últimos años las chacras solamente eran, o yuca, o plátano, o camote, una sola plantación. Pero nosotros desde antes tenemos las chacras integrales, en una sola chacra tenemos todo: yuca, plátano, camote, sachapapa, dale dale, verduras, tenemos el tomate, el zapallo, todo. Ahora estamos promoviendo más eso para no tener necesidad de ir a comprar en el mercado, ¿no? (Antazu, 2021, s/p., transcrição nossa)⁶.

Teresita ainda afirma que muitos centros de saúde convencionais não aceitam nem respei-

⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

tam as medicinais ancestrais, mas que alguns já começaram a traçar esse diálogo intercultural.

Entonces en estas plantas medicinales, en los centros de salud, ha ayudado muchísimo en algunos lugares. Algunos centros de salud no quieren valorar, simplemente ellos no quieren que metamos las plantas. Pero en algunos centros de salud sí, se han usado la medicina occidental y la medicina ancestral. Tenemos que aprovechar esas circunstancias para mostrar a nuestros hermanos y nuestras hermanas nuestra medicina, nuestros conocimientos deben ser conservados y enseñados a todos los niños, jóvenes y adultos en las escuelas bilingües, en las escuelas, como parte del currículo escolar (Antazu, 2021, s/p., transcrição nossa)⁷.

Podemos observar também a linha tênue que há entre educação e saúde, pois Teresita relaciona a necessidade da divulgação dos conhecimentos na área da saúde ao ensino escolar bilíngue, de modo que se dissolve a fronteira entre essas duas áreas do conhecimento, fundamentando os saberes originários como transdisciplinares e como constituintes de uma ecologia anticolonial.

Bernice Serataya

Imagem 4: Bernice Serataya



Fonte: Mujeres Coica Amazonia, 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

Bernice Serataya, mulher indígena do povo chiquitano, da Bolívia, representante da Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia (CIDOB), também fala sobre a medicina tradicional e os impactos do COVID-19:

Estamos en la elaboración de lo que es nuestra medicina tradicional, ya que somos artífices de curar nuestras familias de los síntomas y afecciones del COVID, ¿no? A raíz de la pandemia que nosotros también hemos conseguido de que a través de nuestra restauración de nuestros bosques, bueno, la idea de poder restaurar con nuestras plantas medicinales, ¿no? (Serataya, 2021, s/p., transcrição nossa)⁸.

Ela também destaca o florescimento de uma economia indígena autônoma, que se construiu através de empreendimentos baseados em atividades ancestrais como os tecidos, os artesanatos e a gastronomia.

Ese impulso, hoy en día se está convirtiendo en grandes emprendimientos, que van doblando, e incluso me atrevo a decir que redoblando el capital personal a partir de la iniciativa y apoyo que le hemos dado a actividades como los tejidos, las artesanías, gastronomía, entre otras actividades que antes de la pandemia no estaban nuestras hermanas desarrollando, debido a la falta de los recursos propios, ¿no? (Serataya, 2021, s/p., transcrição nossa)⁹.

Observa-se que a valorização de atividades tradicionais é um fator essencial para a autonomia de cada povo, além de que a gastronomia tradicional também promove uma alimentação mais saudável, e os próprios tecidos e artesanatos indígenas também utilizam materiais de baixo impacto ecológico, confluindo com o bem viver e as ecologias anticoloniais.

Considerações finais

As ecologias anticoloniais são reforçadas e fortalecidas a partir dessas conexões entre mulheres de diversos territórios, nutrindo uma multiterritorialidade (Haesbaert, 2005) que considera a Amazônia como uma grande maloca, que deve ser cuidada e protegida da devastação causada pelo capitalismo e seus braços: agronegócio e mineração.

⁸ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

Da mesma maneira, observa-se a construção e manutenção de uma autonomia de cada povo e comunidade frente à ausência dos Estados nacionais e seus serviços e políticas públicas. Essa autonomia popular tem desenvolvido projetos comunitários de fortalecimento da saúde através de plantas medicinais, da produção alimentar agroecológica, da valorização das tecnologias ancestrais de produção de artesanatos e até mesmo da criação de projetos de economia solidária.

A retomada e o fortalecimento dessas dimensões dos modos de vida ancestrais dos povos indígenas, se conecta com as práticas ecológicas promovidas há milhares de anos por esses povos, que convivem em equilíbrio ambiental com a biodiversidade específica de cada ecossistema, respeitando os ciclos naturais para as atividades de caça, pesca, coleta, agricultura, entre outras.

Silvia Federici (2022) traz o conceito de reencantamento do mundo para demonstrar a necessidade de se retomar o lugar da subjetividade, da esperança e da coletividade em nossas sociedades. Segundo Silvia Federici: “Quando falo sobre ‘reencantar o mundo’, refiro-me à descoberta de razões e lógicas diferentes das do desenvolvimento capitalista, uma prática que acredito indispensável para a maioria dos movimentos antissistêmicos e um pré-requisito para resistir à exploração.” (Federici, 2022, p. 234). Portanto, a valorização dessas vozes alternativas rompe com as estruturas coloniais dicotômicas e positivistas e promove uma relação biointerativa de interdependência.

Referências bibliográficas

AVANZI, Maria Rita. Ecopedagogia. In: *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental; Philippe Pomier Layrargues (coord.). – Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2004. 156 p. ISBN 85-87166-67-0.

COICA: nova líder acredita que as mulheres podem ser a chave para união. *Global Voices*. Disponível em: <<https://pt.globalvoices.org/2023/04/18/coica-nova-lider-acredita-que-as-mulheres-podem-ser-a-chave-para-uniao/>> . Acesso em: 25 set. 2023.

CONCLUSIONES y resultados de la cumbre. COICA ORG. *Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=232327518880092> Acesso em: 13

out. de 2021.

DUSSEL, Enrique. 1492. *O encobrimento do outro*. A origem do mito da modernidade. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

ESCÁRZAGA, Fabíola. *La comunidad indígena en las estrategias insurgentes de fin del siglo XX en Perú, Bolivia y México*. Tesis de Doctorado en Estudios Latinoamericanos apresentada a Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM, Noviembre de 2006.

ESCOBAR, Arturo. El lugar de la naturaleza y la naturaleza del lugar: globalización o posdesarrollo? In: ELÍAS, C.; CAMPILLO, R.; ROHÁN, D. (Org.). *Lecturas de metodología de las ciencias sociales*. Chiapas: Sec. Educación del Estado de Chiapas y UNAM, 2011. p. 148-180.

EVENTO de abertura “Cumbre de Mujeres Originarias de la Cuenca Amazónica”. COICA ORG. Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=590903902252971> Acesso em: 9 out. de 2021.

FALS BORDA, Orlando; MORA-OSEJO, Luis Eduardo. La superación del eurocentrismo – enriquecimiento del saber sistémico y endógeno sobre nuestro contexto tropical, *POLIS– Revista Latinoamericana*, n. 7, p. 1-6, 2004.

FEDERICI, Silvia. *Reencantando o mundo: Feminismo e a política dos comuns*. Tradução coletivo Sycorax: Solo Comum. São Paulo: Editora Elefante, 2022. ISBN 978-65-87235-70-7.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMEZ, Patricia Botero. Sentipensar. In: *Pluriverse: A post-development dictionary*. Edição: ACOSTA, Alberto; DEMARIA, Federico; ESCOBAR, Arturo; KOTHARI, Ashish; SALLEH, Ariel. 2019. p. 302-305. ISBN: 978-81-937329-8-4.

HAESBAERT, Rogério. *Da desterritorialização à multiterritorialidade*. In: ENCONTRO DOS GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 10, 2005, São Paulo. Anais... São Paulo: USP, 2005. p. 6774 – 6792.

HERRERO, Y. Economía feminista y economía ecológica, el diálogo necesario y urgente. *Revista de Economía Crítica*, n. 22, segundo semestre de 2016.

KOROL, Claudia. *Somos tierra, semilla, rebeldía: mujeres, tierra y territorio en América Latina*. Coedición de GRAIN, Acción por la Biodiversidad y América Libre. 2016.

KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem viver*. Organização: Bruno Maia. 2021. ISBN: 978-65-00-13561-9.

LEDEZMA, Gerson Galo; GUANAES, Senilde Alcântara. Cultura: Olhares sob a perspectiva do ICAL e a Linha de Pesquisa Cultura, Colonialidade/Descolonialidade e Movimentos Sociais. *RELACult – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*. V. 02, Ed. Especial, dezembro, 2016, p. 19-41 | e-ISSN 2016/Atual: 2525-7870 | e-ISSN 2015/2016: 2447-018X.

LEDEZMA, Gerson Galo. Novos Olhares sobre a história de Abya-Yala (América Latina): A construção dos “outros”, a colonialidade do ser e a relação com a natureza. In: *Narrativas Insurgentes: descolonizando conhecimentos e entrelaçando mundos* / Claudia Mortari, Luisa Tombini Wittmann (Org.). – Florianópolis, SC: Rocha Gráfica e Editora, 2020 (Selo Nyota, Coleção AYA, v. 1). p. 47-69. ISBN 978-65-87264-23-3.

MANDATO: Primera cumbre de mujeres originarias de la cuenca amazónica. *FILAC*. Disponível em: <<https://www.filac.org/mandato-primera-cumbre-de-mujeres-originarias-de-la-cuenca-amazonica/#:~:text=En%20el%20marco%20de%20la%20Cumbre%20de%20Mujeres,las%20mujeres%20ind%C3%ADgenas%20la%20Amazonia%2C%20presentamos%20como%20resultados%3A>> Acesso em: 20 out. de 2023.

MIGNOLO, Walter D. Epistemic Disobedience, Independent Thought and De-Colonial Freedom. *Theory, Culture and Society*, [s. l.], v. 26, ed. 7-8, 2009, p. 1-23.

MUJERES. *COICA AMAZONIA*. Disponível em: <<https://mujeres.coicamazonia.org/>> Acesso em: 20 out. de 2022.

PANEL público Cumbre de las mujeres originarias de la Cuenca Amazonia. *COICA ORG. Facebook*. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=576020750115314> Acesso em: 11 de out. de 2021.

PEREIRA, Joselaine R. S. *Agrossabedorias: mulheres da terra em Abya Yala* / Joselaine Raquel da Silva Pereira. - 1. ed. - Curitiba: Appris, 2022. 94 p. (Ciências Sociais - Seção História). ISBN: 978-65-250-2385-4.

PEREIRA, Joselaine R. S. *Pedagogia da floresta: Agrossabedorias como propostas de insurgência de mulheres em Abya Yala*. Editora Terra sem Amos. 2023. ISBN: 978-65-89500-58-2.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgar Lander (org.). Coleção Sur Sur, CLACSO. Rio de Janeiro, 2005. PP. 227-278.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília. INCTI, UnB, 2015.